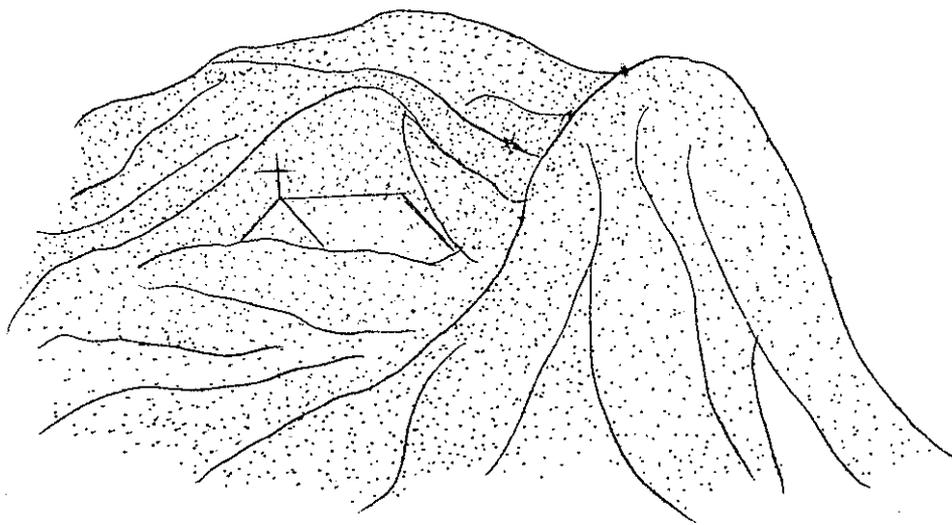


CEDI - P. I. B.  
DATA 11/03/87  
COD T2D01

A \_ H I S T Ó R I A  
D \_ E  
A L M O F A L A



Autor: Francisco Matias dos Santos

Almofala, povoação cujo nome, se é verdadeira a significação que lhe dão os lexicógrafos, arraial onde se vive temporariamente, não lhe poderia ter sido mais fatídica.

Localizada no Estado do Ceará, a 130 Km da Capital Cearense, encontra-se a povoação de Almofala.

A contemplação daquelas sagradas relíquias, grandes e profundos revezes sucederam à mafaldada igreja antes de chegar àquele lastimoso estado. As primeiras afrontas sofridas, a tirania dos homens, os insultos vieram depois. Tinha honra e dignidade, bens e riquezas. Estas foram roubadas e aqueles suprimentos que a tornavam senhora opulenta, a deixaram miserável e faminta. Viu-se depois despojada de seus Santos, que eram pedaços de suas entranhas, tolhidas, em suas faces Sagradas, que eram a manifestação de suavidade por caminhos de maldade privada por seus Santos, eram os portadores de suas queixas.

E assim, deserta, paralisada ermida, foi abandonada pelos homens. Depois, as areias afundaram o teto, superaram o seio, o sol, enegrou-lhe a alvura, a chuva gretou-lhe os muros, desconjuntou-lhe as telhas e o tempo desfez-lhe os raros encantos que ainda possuía. Mutilou-se toda, e dali em diante, o vento que já fora o portador do material que a abstruía, não cessou mais de girar-lhe, em gigantescos esforços de submergi-la em suas entranhas, atira-la longe de encalhe, as terríveis imprecações, a viscosidade corrosível do tempo, sabuginoza. A seu exemplo, resistindo ainda com serenidade, aos esforços da matéria, aos furiosos embatimentos conjurados para destruí-lo. A brancura do Sudário que envolve a sua torre desfigurada, negra, que se ergue para o Céu, aos que de longe a contemplam, a consistência e a fragilidade das causas sobre a terra, assinaladas aqui.

ALMOFALA

Em frente à igreja de antiquado estilo  
Mas de elegante e sôlida fachada  
Os casebres se alinham de um pugilo,  
De Tremembês, gente mestiçada.

Esgalhada em tórno, a verde rama,  
Do cajueiro em farto e seguro asilo,  
Das aves, quando a ventania tarda  
No coqueiral desfere alto sibilo.

Perto, um regato murmura calmo  
Longe, um lençol de movediça areia  
Que o mar sacode, acompanhando vem.

Alí, na sombra da ramagem fresca,  
Vivem essa gente, os reditos da pesca  
Feliz no samba e as areias do torém.

(Sonêtos de Rodrigues de Andrade,  
publicados no Jornal do Ceará em  
1907, e dedicados ao Pe. Antônio  
Tomaz.)

Sustenho aqui, os desvaneios que vinha sugerindo a lembrança do extinto povoado de Almofala e das ruínas de sua igreja, para, assumindo ares de cronista, fazer uma breve exposição das primeiras datas e os fatos que se relacionam com a sua história, desde a época de sua fundação até os dias atuais. Servirão de subsídio ao meu modesto trabalho, que sobre o assunto completo escreveu Antonio Bezerra, algumas notas rabiscadas a custo nos livros velhos e já dilacerados da antiga irmandade de Nossa Senhora da Conceição daquela igreja, nos fatos guardados por certa minoria, e finalmente, a lembrança que ainda conservo dos últimos acontecimentos ali desenrolados de que fui testemunha ocular, o, não haverá por certo muitas falhas e incorreição na narrativa, não só pela dificuldade das causas que pude colher, como principalmente, pelo meu passado na exposição dos mesmos. A mão artista, seja graúda qual for a máxima de que disponha, jamais conseguirá produzir obra perfeita.

Começarei transcrevendo os primeiros Povoados de Almofala, disso o paciente investigador, nas origens do Ceará, acima citado. Descendentes dos índios Tremembés, colonizados em 1608 pelos jesuítas, sobretudo pelo Pe. João Tavares em suas praias brandas das bençãos. Habitavam o terreno compreendendo entre o Ceará, grande Mar, e desde o Mundaú à margem do Paranaíba.

Ao que parece, eram turbulentos, pois o Capitão Mor Pedro Jorge Corrêa da Silva, em setembro de 1671, aportou em Jericoacoara onde eles se achavam com o ajudante Francisco Martins, para tratar da guerra que ameaçou de estourar a 3 de novembro.

Manuém Pereira da Silva, tenente do presídio do Ceará, seguiu em companhia do missionário Frei Francisco da Silva para a serra da Ibiapata com 80 soldados e 1500 indígenas conseguindo fazer a paz, através de aliança com diversos tribos indígenas, incluindo aqueles. Não se contiveram ainda em vista da Carta Régia em 21 de Março de 1688 que consedeu a Urbano Rodrigues, mercê de reedificar a Fortaleza no sítio Piara do Ceará, para dominar os gentios Tremembês e servir de sinal aos navios que iam ao Maranhão. Tendo o Padre, escrito ao rei de Portugal de situarem -se os insultos para as aldeias pelas costas que, dista do Ceará ao Maranhão 200 léguas e que se habitam de Sesmarias as terras que ficavam em todo o Ceará, do rio Aracati-Mirim, da Ibiapaba, sua Magestade por Carta Régia de 8 de Janeiro de 1697, ao Governador do Maranhão para o conceder, e ordenou que não se inquietassem os gentios nem os apartassem dos sítios que escolhessem, para a sua habitação, fazendo com que, de nenhuma maneira se tirasse a sua posse, mandando proceder com a condição ao delito contra os que observassem o contrário.

O Padre José Borjes Tavares, foi o primeiro missionário que, em 1702, viveu com os gentios, construindo entre eles, no Sítio Aracati Mirim, uma igreja com a invocação N.S. da Conceição, cujo local, ficou conhecido como Missão de Aracati Mirim.

Mais tarde, em 1763, conhecida como N.S. dos Tremembês, e de 1766 em diante, celebrava -se o dia 8 de Maio de 1758, a resolução do Rei de estender por todo o Brasil, a disposição concedida aos índios do Maranhão, dando-lhes a liberdade de suas pessoas e bens, dando-lhes preferências nos cargos de apreço e milícias.

Em 18 de maio de 1759, o Governador de Pernambuco, Luiz Diogo Lobo da Silva, comunicara ao Capitão Mor do Ceará, a vinda do Desembargador Bernardo Coelho da Gama Casco aquela capitania para erigir em vista em vilas e aldeias dos índios que eram dirigidas pelos jesuítas. Parece que aquela aldeia, não chegou a ser construída em vila, como a de Caucaia, que em 15 de Novembro daquele ano, passou a se chamar se Vila de Soure, e que apenas foi denominada de "Almofala". Está claro que, foi apenas para perder o nome indígena, pois que sendo convidados à Pernambuco pelo Governador, todos os principais das aldeias do Ceará, compareceu em 16 de Junho Manuel da Rocha de Almeida, Capitão Mor dos Tremembês, e requerem ser servidos com sua gente, a nova Vila de Soure, o que suponho, não foi atendido. O Desembargador Gama Casco também veio para cá e foi demarcar as terras dos índios.

A humilde capela construída pelo Padre Bôrges de Novaes nas margens do Aracati Mirim, em 1702, a qual, segundo consta era de taipa e coberta de palha, foi substituída anos depois quando a povoação havia tomado incremento pela igreja que acima me referia, antes soberba e formosa, e hoje, em ruínas. Nas minhas indagações sobre sua origem, não encontrei mais o indício de ter sido edificada como afirmam alguns, por ordem do governo da metrópole, que aliás, era tão reverso em benefícios às suas colônias. Inclino-me pois, a aceitar a tradição, ligadas por alguns velhos narradores do povoado, aos seus descendentes de haver sido ela construída, às expensas da irmandade de N.S. da Conceição, intermitente, e sob os auspícios dos poderes que dirigiam aquela missão.

A contradição é confirmada pelo compromisso da irmandade em cujo capítulo XIV lê-se o seguinte: Esta irmandade, como fundadora e administradora desta igreja de N.S. da Conceição Almofala, tem a obrigação de ser..., w mais abaixo, es sa nossa igreja, tem até aqui, servido de motivo de freguesia da povoação de Almofala, pelo oferecimento que a irmandade fez quando se criou a 7 freguesia dos índios por cerâmica que existia no lugar.

Diz ainda a tradição, que foi o Capitão / Mor Manuel Rodrigues Ribino Costa, quem de acordo com os formulários ali estacionados, dirigia todo serviço da construção da Capela, a começar do transporte de seus materiais, vindos da Bahia, desembarcados no porto das oficinas distantes de Almofala, cerca de 25 Km, e conduzidos em carros puxados a Boi. Em falta de outros documentos que melhor nos orientem sobre a época de sua construção, seja a conjuntura em que ela foi construída e concluída, pode-se ler a seguinte citação, gravada na pedra e em boa expressura, todas internas e ainda, perfeitamente visíveis,

XIX - X - XII

inscrições que, provavelmente, assinala a data de outubro de 1712. Logo acima desta inscrição, lê-se igual, igual no verso, e gravada na pedra a figura geométrica, representando um triângulo equilátero, com bases voltada para baixo, contendo dois ângulos abertos, ambos para cima, nos quais a inferior, têm o vértice voltado para a base do triângulo.

Examinando-se atentamente esta modesta gravação, nota-se um insolúvel esmero com que foi executada, e adivinha-se nela, um reclame do autor em favor dos que lá estavam participando.

Bastante clara vontade de perpetuar a data, a qual, incontestavelmente, lembra do fato importante relativo à construção da igreja, se não, sua própria inauguração. Existia ali, como já disse, a irmandade de N.S. da Conceição, fundada talvez, ainda, pelo Pe. Novaes, cuja guarda e dependência, sempre guardavam a igreja.

Compunha-se de gente melhor, e mais abastada, e muitas daquelas zonas dos possíveis povoados à vinte, trinta, ou mais léguas distantes. Muitos dos que nela eram admitidos, doavam, logo que entravam, avultadas esmoladas, ora em gado, ora em dinheiro e às vezes em espécies, tornando-se portanto independente e não dependente da igreja; A época de fornecimento, conforme verifiquei / nos livros de lançamentos das entradas de irmãos e de recibo e despesas foi de 1730 à 1790. O grande prestígio da irmandade se refletia diretamente no pequeno povoado onde era sua sede, podendo-se constatar a importância de que ele gozou nestes bons tempos, pelo fato, de que nunca faltaram ali, sacerdotes que curassem de perto as necessidades espirituais de seus moradores, pela frequência com ali compareciam os visitantes eclesiásticos, de sua presença. Sempre lhes advinham as maiores vantagens. Estes visitantes, a quem prestavam administradores dos bens da irmandade, presidiam quase sempre, a uma das sessões, na qual, segundo me parece, tinham voto deliberativo. Entre outros de que fazem menções, os alfarrábios que tenho à vista, citarei por ora o Pe. Manuel Machado Freire, que ali esteve em 1747, e examinou as contas do administrador Capitão João de Barros Vieira. O Pe. Doutor José de Aranda, que, em 1750, depois de tomadas as contas do administrador Inácio João Coimbra, talvez, porque não os achasse bem regular, passou ao administrador, então, vigário Elias Pinto Azevedo a seguinte recomendação: "Ao Reverendo administrador, ponha todo o cuidado no argumento da

fazenda, e bens pertencentes à irmandade de N.S. de quem será recompensado e retribuído nesta e na outra vida, conforme o zelo com que se houver afervorado nesta sua devoção. Carmelita Frei Manoel Jesus de Maria, que em 1763, autorizou ao vigário, Elias Pinto, que continuava dirigindo a irmandade, a comprar de Manuel da Cunha Chaves, a fazenda "Bom Jesus", com os gados e mulas existentes. O Pe. Luis Fernandes da Cunha, prestou / menos cargo de administrador.

Em 1760, o visitador Pe. V. Rodrigues Rangel, achando-se na vila de Aquiraz, e não podendo ir à Almofala, requereu de lá fossem enviados os livros da irmandade para serem por ele examinados, e deixou, exarada em um deles, a severa / repreensão ao tesoureiro da referida irmandade, por não haver exibido as certidões das missas, / que, conforme o compromisso, deviam ser celebradas com brevidade pelos irmãos falecidos, e mandou que fossem celebradas em maior brevidade as missas e fosse aberto um livro especialmente destinado ao lançamento das missas e certidões.

Nesse mesmo ano, o Pe. Elias Pinto de Azevedo, para a administração dos bens da irmandade, que como vimos, lhe fôra confiada dez anos, pelo visitador Doutor Jesus Aranda, ao Tenente Manoel da Cunha Linhares, que em 1776, foi substituído pelo Capitão Pedro Luiz do Rêgo Barreto, 'eleito' pela irmandade à qual votou livremente a escolha do administrador de seu patrimônio.

À partir de 1780, parece que, a irmandade' começou a dedicar-se, sendo que, em 1795, já bem pouco tinham, e em sessão realizada à 1795, 25 de Outubro, reconhecida sua derrota administrativa, autorizou a venda de diversas fazendas, visto que já não havia mais gado. Em 1830, alguns de sua ordem, seus membros mais distintos, no louvável empenho de levantar o moral e recrudescer do abatimento em que se encontrava, encaminhou-o à

uma nova fase de prosperidade, conseguiram uma reforma do compromisso regular, de melhor funcionamento de seu organismo, então entorpecido, porque - pouco faltava para aproveitá-lo. O médico porém, deu-lhe poucos anos mais, e logo as prostações antigas voltaram, da qual não / mais deu para soerguer-se, até o seu completo a niquilamento. Voltarei agora, ao meu primeiro T ponto de partida, isto é, a época do aldeamento dos Tramembês, nas margens do Aracati Mirim, e a criação da sua capela em 1702 pelo Pe. José Borges de Novaes, durante 28 anos, em que se seguiu sua construção, para fazê-lo em ordem cronológica, se não, de todos os sacerdotes que a curavam, quer como missionários, quer como freguesia, ao menos daqueles cujos nomes, pude salvar do esquecimento, porém, não me foi possível os nomes dos sacerdotes que, substituíram o Pe. Novaes, durante os 28 anos que se seguiram a construção da capela. O primeiro nome que figura depois do dele, é o Pe. Agostinho de Castro Moura, que ali viveu de 1730 à 1754, tendo deixado a direção da missão 2 anos antes, quando, provavelmente, foi criada a Freguesia, sob invocação de N.S. da Conceição de Aracati-Mirim, sendo substituído pelo vigário Pe. Elias Pinto de Azevedo. Este, abandonou a cura da paróquia, 10 ou 12 anos, após o tempo em que obteve cotação/na freguesia de vila Viçosa Real, onde suponho, nunca teve residência fixa, e se a teve, foi muito mais tarde, pois vejo figurar o seu nome nas atas das seções da irmandade, até, o ano de 1776. Aparece simultaneamente, com o Pe. Elias, quem provavelmente sucede na cura da paróquia, o Pe. Francisco de Barreto Xavier, não sabendo/ eu, quanto tempo ele demorou.

Sua primeira menção, é em 1800, foi o vigário Francisco Moreira de Souza, ao que seguiram-se sucessivamente os Pes. José Gomes Ferreira, Manoel Antônio de Lemos Braga, Bernardo Clemen-

te da Cruz, e Luiz Martins dos Santos Araújo, último sacerdote que ali residia, já como preposto do vigário da nova freguesia a que ficou pertencendo Almofala. Por decreto geral, de 05 de setembro de 1832, foi criada a freguesia de N. S. da Conceição da Barra da Acaraú, dentro de cujos limites, ficou a de Almofala, que sua vez, foi suprimida.

O seu último vigário, Pe. Mancel Antônio dos Santos Braga, continuou a receber sua canga, até que fosse provido em outro benefício que aconteceu anos depois. Quando apresentado pelo Imperador ao Bispo D. João da Pacificação Marques Perdigão, para a igreja de São Mateus dos inhamuns, e nela, obteve sua colação.

Em 1838, a assembleia provincial, cuja maioria era composta de adversários políticos do vigário da Barra do Acaraú, Pe. Antônio, por decreto de 15 de setembro, transferiu a sede de sua freguesia, para a capela de Santa Ana, a 90 Km, e restaurou a de Almofala, sendo-lhes designados, os mesmos limites anteriores ao decreto de 15 de setembro de 1832.

Foi o seu vigário deste tempo o padre Domingos Teixeira Alves de Abreu. Pouco tempo depois a assembleia provincial, já então denominado pelos correligionários do Pe. Xavier, que era também, Deputado, fez voltar a Santana para a Barra do Acaraú, a sede da freguesia, e suprimiu a de Almofala.

Em 1844 os seus moradores dirigiram ao então Presidente da província José Maria da Silva Bitencourt uma representação em que lhe pediu a instantaneamente a restauração da freguesia.

Ausentara-se nesse tempo o vigário Xavier deixando como seu substituto na cura da paróquia o padre João Francisco Dias Nogueira a quem coube informar ao governo sobre a pretensão do povo de Almofala. Tão descabido pareceu

ao padre essa pretensão, e tão desfavorável foi a informação dada por ele sobre o estado da povoação e da capela, que o governo indeferiu a petição do povo de Almofala.

Tenho presente, a cópia do ofício do padre João Dias ao governo da qual transcreverei / os trechos que se referem a Igreja e a Irmandade. "A matriz, presentemente para sua decência falta de um tudo, não tem paramento, a capela Mor precisa de inúmeros reparos, de uma sacristia que / com oitocentos mil réis talvez não se ponha no seu primitivo estado.

Existe uma irmandade de cujas dádivas em bens do campo fez situar em terras próprias uma fazenda que rende anualmente cinquenta bezerros e vinte poldrinhos, conforme a estação do ano".

Daí em diante, começou verdadeiramente a procedência da velha povoação, se bem que a velha capela continuasse a gozar certo prestígio. Em 1884, ali esteve o Cônego Antônio Pinto de Mendonça, que encontrou a igreja despojada de ornamentos preciosos para a celebração do agosto / sacrifício da missa e a administração dos sacramentos, mas confiando no zêlo e piedade do atual administrador, que não só se empenharia no reparo, material do templo, e como também, cuidaria / de prover dos ornamentos necessários, concede licença para que se continua a celebrar, na igreja, a prática de todos os ofícios divinos. Em 1853, voltou ali o mesmo visitador, e conforme deixou no livro de visitas, encontrou a capela em melhor estado do que na visita anterior, faltando / entretanto, algumas alfaias, reparos para melhor decência do culto divino, como se já, uma banqueta para o altar, e o reparo desta, por estar com a madeira carcomida e podre, pelo que convém fazer o quanto antes, um novo altar para que não caíam as imagens e se despedacem. Terminam aqui, as minhas notas, algumas das quais, desenhadas, sabe Deus, com que trabalho, colhi de ver-

lhos e bolorentos alfarrábios dilacerados, foi preciso muitas vezes quase, adivinhar.

Entrei agora, na última parte de meu // trabalho, que será a narração dos últimos sucessos anteriores ao desaparecimento do povoado.

Data de 1882, ano em que fui nomeado coadjutor da freguesia de Acaraú, a minha primeira visita à Almofala.

Daí, se seguiram várias outras, pois, até 1898, tempo de seu aniquilamento, nunca eu deixei de ir uma, duas, até tres vezes anualmente. Neste tempo, os morros que vieram à sepultar o povoado, já distavam de pelo menos um quilômetro e a execução de alguns otimistas, que alimentavam ainda, esperanças de que as aréias passassem pela ala do Sul da capela deixando-a ileso, e talvez mesmo, todo o povoado, todos consideravam inevitável a catástrofe.

Já não encontrei ali, senão uns restos da poderosa irmandade de outrora, então completamente esquecida de seu compromisso e incapaz de prover a cura, bem como as necessidades materiais da capela.

Celebrava-se entretanto, ainda com bastante dificuldade, sobriedade, e extraordinária frequência de fiéis a festa da padroeira. As novenas que se procediam, eram feitas por natarios, cabendo sempre uma delas, aos índios que se esmeravam em dar sua contribuição para que a noite tivesse maior esplendor e realce.

Viviam ali ainda, numerosos descendentes dos Tramembês, constituindo uma sociedade/ à parte, casando-se entre os de sua própria raça, e conservando religiosamente certos usos e tradições, alguns, até mesmo a língua de seus avós, tinham o seu Capitão, cujas ordens obedeciam sem o menor constrangimento, sobretudo quando estas visavam algum benefício material que se houvesse fazer à igreja. Era um gosto,

vê-los em tempo de festa, sob a direção de seu chefe, muitas vezes, arrancando a erva daninha' que crescia dentro da capela, outras, adornando caprichosamente as portadas de palmas, cajueiros. Conheci o último destes capitães, o velho Tomé.

Este Capitão, falecido há poucos anos tinha em grande apreço sua autoridade.

Sentia verdadeiro orgulho quando o chamavam por sua patente. Durante uma daquelas missões primeiras estadas na pitoresca povoação, fui convidado certo dia por um amigo para assistir a um Torém.

Era a diversão predileta dos Índios e motivado pela curiosidade aceitei logo o convite. À noite nos dirigimos para o sítio "Aprasado", que era um grande terreiro destacado, limpo e convenientemente preparado para este fim.

Quando lá chegamos, já havia muita gente, uns, curiosos como meu amigo e eu, outros, que iam fazer parte nos folguedos.

Veio colocar-se no centro da área, um caboclo de meia idade, robusto, enpunhando um maracá. Era o diretor da função ao lado, via-se / uma bacia de folhas e uma xícara pousada sobre um tamborete, abaixo deste, uma garrafa de aguardente.

A Bacia, e o garrafão de cana, segundo me informaram, estavam ali em substituição da cuia e a cabeça de mocoiorô, que por sua vez, tinha substituído o cauim usado primitivamente em // tais funções. Os sons vibrantes do maracá, tangidos repetidas vezes pelo agil mestre, anunciam que a festa ia principiar. fizme logo, todo olhos e ouvidos.

Da multidão ali reunida indistintamente, adiantou-se para a área, um homem seguido por uma mulher, e depois, outros cavalheiros com suas respectivas damas e assim sucessivamente foram' saindo um a um, 12 ou 14 pares que vieram a formar um círculo e colocar-se à volta do presiden

te, ali postados, dando-se as e conservando -as presa entre si, formaram uma cadeia viva que começou a girar em torno do chefe. Este agitou 7 uma outra vez o maracá, mas, vibrando agora uma quadra que os dançantes respondiam em cõro.

Depois de executados inúmeros giros, ces saram um tempo as danças e o canto, uma das da- mas destacou-se do círculo e encaminhou-se para o tamborete, vazando na bacia uma porção da a- guardante da garrafa e ofereceu ao presidente / ou diretor. Este, mergulhou a xícara na bacia e levou aos lábios, deu um grande estalo com a língua no céu da boca, e repetiu a opração.

Servido o chefe, a encarregada das liga ções percorreu todo o círculo apresentando aos convivas a bacia, enquanto a xícara corria de mão em mão, até que foram servidos todos, sendo que ela, ficava por última, tendo seu gole du- plicado, à exemplo do chefe.

Findo esta parte, começaram mais anima- dos as danças e o canto, que à breves interva- los foram de novo interrompidos para distribui ção de aguardente.

Em breve, começaram a manifestar-se cla ramente em todos os convidados, os efeitos da bebida, a dança e os cantos eram entremeados / com saltos e berros quando finalmente, uma cena burlesca ceio por termo à função. Um dos dança- dores saiu precipitadamente do círculo de um pulo e encarapitou-se nos ombros de outro que não era outro senão o mestre-sala em cuja cabe- ça, pôs-se à bater compasso com o maracá que lhe anunciava da mão enquanto que, com roufenha voz, ia arremedando o canto.

O pobre caboclo, cujas pernas vergavam ao pêsso do importuno cavalheiro, dava as mais inequívocas provas de seu vexame.

Procuravam à todo custo desvencilhar-se d'êle. Depois de vários saltos e cabriolês, con-  
segui com grandes esforços, livrar-se de seu  
fardo entre os gritos, apupos e gargalhadas /  
dos circunstantes.

Acabou-se o torém.

A penúltima vêz que celebrei na capela  
de Almofala e a última que ali administrei o  
Sacramento foi no começo do ano de 1898. Por  
este tempo, já se areias haviam obstruído as  
principais casas para com o material das mes-  
mas, serem construídas novas habitações em lu-  
gar mais abrigado. Antes de disfeito o redil,  
já as ovelhas começaram a fugir.

Comuniquei à Diocese, o precário estado  
em que se achava a capela, e a impossibilidade  
em absoluto de evitar-se a sua ruína. Em res-  
posta à minha comunicação, fui por ela autori-  
zado a retirar as imagens para a capela do tan-  
que do meio, distante 10 Km, com a constante /  
recomendação porém, de que não o fizesse, se  
na última hora, as areias já houvessem atingi-  
do o interior da igreja. Cientifiquei os mora-  
dores da povoação das ordens do diocesano e  
aguardei os acontecimentos.

Em Junho do mesmo ano, recebi um recado  
do procurador da irmandade avisando urgente /  
que havia reído uma parte do teto da capela,  
que começou a ser invadida pela areia.

Alguns dias depois, o procurador veio  
pessoalmente falar comigo, confirmando aquilo  
que me mandara dizer.

Prometi-lhe que oportunamente iria lá e  
providenciaria o que fosse necessário para mi-  
tigar o problema. À 09 de outubro do mesmo ano,  
para lá me dirigi, com o intuito de der as or-  
dens do diocezano.

O meu primeiro cuidado ali chegando, foi visitar a igreja, encontrando a Sacristia já meio invadida pela areia, que se escoando por um rombo no teto, vinha estender-se até a entrada que dava para a capela-mor. Uma espessa camada de pó, cobria todo o pavimento, estendendo-se ao altar, já despojado de seus ornamentos e de suas iamgens.

Estas, haviam sido previamente recolhidas na batiateria, o lugar mais abrigado / da igreja e ao mesmo tempo, o mais seguro. Os santos, estavam ali, debaixo de uma guarda-pó. Corria um boato de que pretendiam leva-los // clandestinamente, não sei para onde. Desejando celebrar ali ainda uma vêz, rendendo assim a minha última homenagem ao velho templo prestes a ser abandonado talvez para sempre, resolvi fazê-lo pela madrugada, aproveitando o tempo em que o vento era mais brando.

Mandei pois, limpar a igreja, sobretudo a capela-mor, preparando convenientemente / o altar sobre o qual foi posto unicamente a imagem do Cristo Crussificado.

Anunciada na vêspera a minha intenção, a igreja encheu-se literalmente antes da hora aprazada, ficando ainda uma multidão que ia se avolumando cada vêz mais pois de toda a vizinhança, afluia gente curiosa de ver a transladação das iamgens da igreja. Às quatro horas da manhã. comecei a missa à que assistiram cerca de três mil pessoas. Não me lembro de ter visto em toda a minha vida uma multidão tão numerosa quanto aquêla, que impunha / uma imobilidade sobre tudo que ali se achava.

O assombro que dominava aquela pobre gente, na iminência de ser privado dos seus Santos protetores, longe dos quais seria

impossível a vida, segundo suas convicções, parecia petrificada. A reação porém, veio depois, como adiante veremos.

Ao Evangelho, fiquei aos circunstâncias expondo-lhes o motivo de minha presença ali e suplicando o consenço de todo aquele povo, pedi pelo bom desempenho da triste missão de que me achava incubido, menos para tirar-lhes asensibilidade do que para dissipar alguma animosidade porventura existente entre a medida que se ia por em prática, terminei minha locução dizendo-lhes que a Santissima Virgem, lhe fazia naquele momento um apelo sagrado, como último pedido de Mãe extemoza e moribunda, ã seus extemozos filhos, que tirassem dali sem perda de tempo, a sua imagem e a levassem para o destino que lhe fôra designado / pela autoridade eclesiástica.

Terminei a missa e encaminhei-me ao local donde vinha um estranho alarido curioso para saber a causa, nunca ei de me esquecer o espetáculo de momentos de pois. Comecei ã ouvir um murmúrio confuso que se elevava ã algazarra do povo, apôs o que se tornou como gemidos, mais e soluços e finalmente um concreto / de altas vozes urgentes, dominando todos os outros rumores. Concluida a missa, encaminhei-me ao local onde partia o alarida para saber de sua causa. Com a alma compungida e os olhos rasos d'agua presenciei. Ajoelhados ã porta do batistério, em frente às imagens escassamente iluminadas pelos vacilantes clarões fumarentos das lâmpadas ã querozone, algumas mulheres, de peito em pranto, cantavam e gemiam um bendito ã S.S. Virgem, composto de quadro singelo, em que se despediam dela com os mais ternos adeus, que respondia em tôrno a multidão, baten do rigorosamente no peito a esse canta já por

si, trespassado de indizível mágoa, vinham juntar-se aos profundos suspiros de uns, ex clamações lamentosas de outros, aos mais contidos soluços dentre as dolentes suplicas daquelas, formando-se um grande cõro an gustioso, cujo barulho, rebombando pela igreja afora, iam perder-se ao longe, no sei o adormecido da floresta.

Dominando a custo a comoção de que me sentia prêso, dei ordem para que se trou cessem os andores já de antemão preparados para o transporte das imagens, e pedi aos meus auxiliares, que acstassem a recomendação prescrita, pois convinha aproveitar a fresca da manhã para a extensa caminhada // que tínhamos pela frente.

Estava eu ocupado em colocar um dos Santos no andor, quando me vieram dizer que atraz do morro fronteiro, estava acampado / um grupo de caboclos armados, aguardando // apenas as ordens de seus chefes, para virem abter a saída das iamgens.

Indaguei logo quem seria seus che - fes e amndei logo um emissário pedir-lhes o obsêquio de virem entender-se comigo.

Recebi-lhes na porta principal da igreja. A circunstância de achar-me nesta ' situação, tendo que sobrepor-me à estola, me fêz lembrar as presmonias de recepção ofici al dos Bispos, faltando apenas, a Água Ben - ta para acompanhar o officio.

Eram dois cabras musculosos e malaen carados. Um, José Gaboré, trigueiro e alto de olhar insolente, em ao menos se dignou' à tirar-me o chapêu de couro, de aba revira da na frente, deixando à mostra uma parte de sua cabeleira revolta. O outro, Pedro

Duro, mais baixo e menos arrogante, descobriu-se logo ao chegar.

Vetiam ambos, calças e camisas de algodão, estavam armados de grossos cacetes de fazer respeito e agudos punhais que impunham mais respeito ainda.

Chamando aos fábios um sorriso, coisa aliás, bem difícil naquele momento, adiantei-me / para os dois e perguntei em tom de maior familiaridade, os motivos porque se opunham à retirada das imagens, finalmente após me medir com o olhar, Caboré respondeu o seguinte: Saiba Vossa / Senhoria, seu vigário, que as imagens não saem daqui por que não queremos, não consentimos que as levem para nenhuma parte, e muito menos para o tanque do meio.

Observei-lhes a sem razão de sua resistência, do estado da capela, e que a medida fora ordenada pelo Bispo.

Lembrei-lhes que as imagens iriam para uma capela perto, onde eles poderiam facilmente visitar-lhes e prestar-lhes seus cultos. Repeti o que havia dito na missa e, depois de muitas outras considerações, terminei dizendo-lhes que esperava que eles, como filhos amantes que eram da S.S. Virgem, não haveriam de desgostá-la, opondo-se às ordens de nossos Bispos, antes viriam / auxiliar-me ao transporte de sua imagem para o ponto indicado. À nada disso atenderam meus teimosos contendedores que se retiraram asserverando que as imagens não sairiam dali, nem à mão de Deus Padre.

Perdida assim a esperança de convencê-los, resolvi por minha vez, levar à cabo minha tarefa. Chamei à fala o subdelegado Tenente Joaquim Martins Filho, que então ali se achava, e comunicando-lhe o ocorrido, falei-lhe de minha resolução e pedi que se dignasse a tomar provi-

dências que o caso exigia. O meio mais fácil de prevenir um conflito que parecia iminente seria efetuar a prisão dos chefes antes que fossem se reunir ao bando de sequazes e exacerbá-los mais ainda os ânimos.

Concordou comigo o subdelegado, e em quanto combinávamos a melhor maneira de levar à cabo a prisão projetada, eis que uma mulher do povo, a Joana Camêlo, entrando sorrateiramente na igreja por uma das portas laterais, apoderou-se de uma das imagens, e abraçada com ela, correu desabaladamente em direção ao acampamento dos sediciosos. Essa imagem, era uma escultura em madeira de 77 Cm de altura, representando N.S. do Rosário.

No meio do silêncio, a estupefação geral causada por este gesto, bradei aos homens mais próximos que me fossem reaver a imagem roubada, ninguém se mexeu.

Recomendei então que se puzessem guarda as outras imagens e atirei-me sozinho ao encalço da fugitiva entre os vivos protestos das mulheres, que não me expuzesse à alguma desgraça. À breve trecho me vi de lado por dois homens, os únicos que se decidiram a enfrentar os riscos da temerosa empresa. Quero deixar aqui gravados os nomes dos dois valentes companheiros, já mortos hoje, como um reconhecimento à sua generosa dedicação.

O primeiro, o Sr. Miguel Monteiro dos Santos, morador na cidade de Acaraú, segundo agricultor residente no sítio São Vicente, distante uma légua do teatro dos acontecimentos que venho narrando. O segundo, era o Sr. Cassiano de Menezes. Apenas alcancei a fugitiva, tomei-lhe o braço e intimei-a a entregar a imagem, mas ela resistiu desesperadamente, à minha intimação, enquanto Caboré e

Dura ameaçadoramente os cacetes em uma espécie de fúria, a Maria Caboré empunhando um tamanca, jurava quebrar a cara de quem se aproximasse; Consegui entretanto, auxiliado por Miguel Monteiro, apoderar-me da imagem, enquanto Casiano com uma das mãos, atirava a fúria do tamanca e com a outra, munida de um cacete, aparrava a pancada descarregada por Caboré Monteiro.

Nesse interím, já alguns homens, passando o desânimo que pouco antes os acometera, vinham chegando em nossa defesa.

Fechou-se o tempo, como lá diz o povo na sua giria e nada mais se ouviu senão o estalar dos cacetes e a voz chorosa das mulheres alvoroadas, que, correndo para o local do conflito, bradava desesperadamente pelos maridos, filhos e irmãos envolvidos. Enovelado também / naquela onda revolta, eu procurava esforçadamente, mas debalde, serenar os ânimos e fazer cessar a luta. Esta ainda prolongou-se porém por alguns minutos, vindo terminar com a debanda dos sediciosos e captura de dois rebeldes / que, de mãos atadas foram levados à presença / do subdelegado. Chama-se um deles; João Reinaldo, o outro, era Pedro Duro, que trazia uma brecha na cabeça e diversas contusões no corpo, desmentindo assim, sua alcunha, ao passo que o Caboré, confirmando admiravelmente sua / cunha, tinha mais que depressa, "voado". Compadecidos dos prêsos, consegui que lhes dessem liberdade para irem tratar suas feridas e convencidos de que havia cessado o perigo, concluimos a saída da imagem, dei logo ordens para os preparativos da marcha.

Momentos depois, aquelas disputadas relíquias, cinco velhas e grosseiras imagens representando N.S. da Conceição, N.S. do Rosário,

São Benedito, acompanhado por quase todo o povo que se achava, seguiam mais outras imagens de S. José, e São Miguel Arcanjo, para a capela do tanque do meio, onde chegamos / antes do meio dia. Aí, vim a saber, com grande nojo, que o plano de oposição da retirada das imagens da capela de Almofala, fôra concebido por um espírito mesquinho de um vendeiro, que as desejava perto de si para servirem de chama de freguêses ao seu comércio. Era porém, tão covarde o cavalheiro que tendo armado o braço dos pobres caboclos, para ingloria empreitada, lá se deixou ficar comodamente em sua casa, à salvo dos perigos a que os atirava.

À tarde deste mesmo dia, 10 de Outubro de 1898, com o espírito ainda aturdido' pelas várias comoções experimentadas no breve espaço de tempo, regresssei ao Acaraú, onde de alma prestes à abandonar a terra, reclamava urgentemente a minha presença.

Os raros objetos que haviam ficado na capela, depois de retiradas as imagens, foram levados com autorização do diocesano' uns, para o tanque do meio, e outros, um púlpito, dois cálices sinos, um cálice e uma âmbela, para a matriz desta cidade.

Depois de despojado de tudo o que dêle se pôde arrancar, ficou o velho templo, esquecido e abandonado de todos para sempre.

Já então, era ele o único vestígio da extinta povoação, de cujo local havia desaparecido até o mais miserável casebre.

- Volvidas mais alguns anos, quando suas ruínas foram supultadas pelos morros que as circundavam, custa-se a crêr, que / ali havia uma florescente povoação e uma formosa igreja, servindo de sede à paróquia, constituída por numerosos habitantes, e hoje, ninguém sabe ao certo, o lugar onde existiu essa povoação, Almofala.

Despeço-me agora, com mil agradecimentos e desculpas ao pacientíssimo leitor, que me acompanhou até aqui, dando por terminada a tarefa que me impuz, de contar-lhe a história legendária de ALMOFALA.

ALMOFALA

Soluça o mar, embravecido perto  
Jogando areia que, raivoso arranca  
Do rio o mar, tão calmo, outrora certo  
Algum pezar o coração lhe tranca.

E o vento insufla tanto a areia branca  
Que hoje esta praia é inóspito deserto  
Onde o viajante, nem a sêde estanca  
Agora é tudo desse areial coberto.

Somem a aldeia, o coqueiral, a igreja  
E há, quem no fato, algum milagre veja  
Pois tudo se acaba, sô a igreja não.

Que a duna passa, o vento escava a ogiva  
E a tôrre exurge para os céus altiva  
Como um estranho sinal de exclamação!

(Pe. Antônio Tomaz)